

AVENTURAS DE DANIEL

MAURÍCIO ZÁGARI

SETE ENIGMAS E UM TESOURO



MAURÍCIO ZÁGARI

SETE ENIGMAS E UM TESOURO



mundocristão
São Paulo

Sumário

<i>Prólogo: Terça-feira, de manhã</i>	7
1. Segunda-feira anterior, de manhã	11
2. Terça-feira, início do dia	23
3. Terça-feira, de manhã	35
4. Terça-feira, início da tarde	49
5. Terça-feira, em algum momento do dia	73
6. Terça-feira, em algum momento do dia	89
7. Quarta-feira, início da madrugada	105
8. Quarta-feira, final da madrugada	121
9. Quarta-feira, de manhã	131
10. Final	139

Prólogo

TERÇA-FEIRA, DE MANHÃ

— Deus, protege a vida do Marcos. Seja lá o que tenha acontecido com ele, peço que a tua mão protetora esteja estendida, guardando-o de todo o mal!

A oração de Daniel vinha carregada de aflição e angústia. Sentado sozinho no gabinete do pastor Wilson, apertava com força os olhos e as mãos, enquanto, de cabeça baixa, intercedia pela vida de seu amigo. A falta de notícias era preocupante. Desde que se despedira dele, na véspera, não tinha recebido mais notícias. Ninguém tinha. Seu Valter, pai de Marcos, ligou agoniado para a igreja, querendo descobrir se alguém tinha informações sobre a localização de seu filho. Não era só a violência da cidade que o preocupava: Marcos era diabético. Ele precisava tomar injeções diárias de insulina. Se ficasse muito tempo sem sua dose do hormônio, as consequências poderiam ser fatais. E ele já estava sem receber o medicamento havia um dia e meio.

— Senhor, protege o meu amigo. Que tenhamos notícias logo...

No dia anterior, Marcos tinha ido espalhar pela cidade as pistas da gincana bíblica da juventude de sua igreja.

Ele adorava fazer aquilo. A gincana era uma tradição anual. Consistia em esconder em sete lugares diferentes da cidade bilhetes com charadas que só poderiam ser esclarecidas por meio de conhecimentos bíblicos e um raciocínio sagaz. A primeira pista indicava o lugar onde estava a segunda, que levava à terceira e assim por diante, até a sétima, que apontava por fim onde estava escondido o grande prêmio. Era uma forma divertida e animada de envolver os jovens da igreja numa autêntica caça ao tesouro. Naquele ano, o tesouro seria oferecido pelo pastor Wilson. Apenas ele, e ninguém além dele, sabia do que se tratava o prêmio. Havia enorme curiosidade para descobrir o que o vencedor ganharia. Era um segredo que o líder da igreja guardava debaixo de sete chaves.

Marcos era o responsável por criar as charadas e esconder as pistas pela cidade. Tinha sido assim nos últimos cinco anos. Os jovens da igreja formavam grupos e partiam pelas ruas em busca das soluções para os sete enigmas. Às vezes a dificuldade de decifrar era tanta que o grupo vencedor precisava de dois ou três dias para encontrar o prêmio. No ano anterior, aliás, Marcos tinha pegado tão pesado nas charadas que ninguém conseguiu chegar ao final. Uns ficaram pela terceira, outros pela quarta, no máximo chegaram à quinta charada.

— Pai amado, nosso coração está angustiado pelo nosso irmão... cuida dele nesta hora...

E agora essa. Marcos tinha saído cedo para espalhar as pistas pela cidade, como fazia todos os anos, e... não voltou para casa. Não telefonou. Não deu notícias.

Simplemente desapareceu. Estavam todos preocupados. Se ele fosse um desses jovens irresponsáveis que saem de casa e não dão satisfação, dormem fora, chegam de madrugada e ninguém sabe deles... mas não era o caso. Marcos era um bom filho. Sempre avisava os pais sobre suas saídas. A família, agora, tentava de todas as formas descobrir seu paradeiro. Já tinham ligado para os amigos, a igreja... e nada.

— Deus Altíssimo, acalma o nosso coração, que tenhamos notícias do Marcos, que...

De repente, o telefone do gabinete tocou:

TRIIIM!!!

Daniel abriu um olho. Olhou em volta, para ver se havia alguém que pudesse atender. Mas não havia.

TRIIIM!!!

Esticou a mão e atendeu.

— Gabinete do pastor Wilson.

O que ouviu do outro lado fez seu coração disparar. Embora a ligação estivesse péssima, em meio a ruídos e chiados ele conseguiu ouvir ao longe:

— Crânio....

Era a voz de Marcos.

Uma voz fraca, lenta e baixa. Mas, definitivamente, a voz de Marcos. Além disso, seu amigo sempre chamava Daniel pelo apelido, “Crânio”.

— Marcos! Marcos! Sou eu! Marcos! Alô!

Silêncio. Chiados. Barulho. Estática. E, então, novamente, Daniel ouviu a voz de seu amigo, picotada e distante:

— Socorro... estou... eu... ajuda...

Daniel pôs-se de pé, a sensação de impotência apertando seu peito.

— Marcos! Marcos! Onde você está?! Onde você está?!
Silêncio.

— Marcos!

Foi então que ouviu com toda a nitidez algo que o deixou apavorado.

— Crânio... estou morrendo... socorro...

E a ligação caiu.

Capítulo 1

SEGUNDA-FEIRA ANTERIOR, DE MANHÃ

*Meu filho, preste atenção às minhas palavras e
guarde meus mandamentos como um tesouro.
Dê ouvidos à sabedoria e concentre o coração
no entendimento. Clame por inteligência e
peça entendimento. Busque-os como a prata,
procure-os como a tesouros escondidos.
Então entenderá o que é o temor do SENHOR
e obterá o conhecimento de Deus.*

PROVÉRBIOS 2.1-5

Daniel estava exultante. Enquanto caminhava em direção à igreja, pensava no telefonema que tinha acabado de receber da universidade onde, em duas semanas, começaria a estudar: eles tinham pré-aprovado o seu pedido de bolsa de estudos. Com o dinheiro que sua mãe recebia todo mês, ficava inviável pagar a mensalidade. A bolsa era sua grande chance. A secretária do Departamento de Jornalismo tinha agendado para dali a dois dias sua entrevista. “Inadiável”, disse ela. Daniel disputava com outros vinte candidatos a bolsa e, se fosse bem na entrevista, teria isenção integral do pagamento.

— Deus é mesmo demais! — pensou em voz alta, empolgado.

Dobrou à direita, na Avenida Martinho Lutero, e tomou um atalho, atravessando o enorme parque municipal que os irmãos da igreja tinham apelidado de Jardim das Oliveiras. Seguiu pela trilha que atravessava o bosque e, depois de dez minutos andando, saiu do outro lado. Pegou a Rua das Acácias, entrou pela Rua Dom Pedro I e logo estava na esquina da igreja. Daniel andava apressado. Tinha combinado de se encontrar com Marcos para conversar sobre a gincana bíblica de caça ao tesouro. Normalmente, ela só aconteceria dois meses depois, mas o pastor Wilson resolveu antecipar para ajudar os membros a esfriar a cabeça depois do estresse que a igreja tinha enfrentado duas semanas antes com toda aquela história do desaparecimento da Bíblia de Gutenberg.*

Chegou à porta da igreja e logo encontrou o diácono Sérgio, que lia o jornal com a cabeça enfiada entre as páginas.

— A paz de Cristo, irmão Sérgio.

O homem ergueu os olhos e abriu um largo sorriso ao ver Daniel.

— Paz do Senhor! Tudo bom? Como vai nosso herói?

— O herói fica por sua conta, mas eu estou bem, graças a Deus. Alguma notícia boa aí? — apontou com a cabeça para o jornal.

* Ver *O enigma da Bíblia de Gutenberg*, primeiro volume da série “As aventuras de Daniel” (São Paulo: Mundo Cristão, 2017).

— Nada, a mesma coisa de sempre. Violência, corrupção e crise... uma tristeza — falou, com um entortar de boca. — Mas o Mengão ganhou do Corinthians!

— Ê, Sérgio, sempre flamenguista roxo, hein? — riu.

— Roxo não, vermelho e preto! — se divertiu o diácono.

— O que diz a meteorologia? Vamos ter sol para a caça ao tesouro?

— Deixa eu ver... ih, rapaz, está ameaçando tempo ruim. Acho bom vocês levarem guarda-chuva.

— Você sabe se o Marcos já chegou? — mudou de assunto.

— Chegou sim. Está lá no gabinete, com o pastor Wilson.

Daniel agradeceu com um aceno e já seguia para a pequena sala onde o pastor atendia quando Sérgio acrescentou:

— Ah, já ia esquecendo. Há uma meia hora passou por aqui uma jovem atrás de você. Eu disse que você não estava, e ela falou que voltava amanhã.

— Uma jovem? — franziu a testa.

— Isso, uma ruiva, de cabelos longos até a cintura, olhos verdes... — deu uma piscadela marota. — Bonita a moça, viu?

Daniel soltou um “hmmm”, agradeceu com a cabeça e continuou rumo ao gabinete. Ele sabia exatamente de quem se tratava. Era Valéria, uma colega de escola que tinha cursado o último ano em sua sala. Ela não fazia muita questão de esconder que estava interessada nele. Todos os garotos eram caídos por ela, e não era por menos: a menina era linda. Tinha um sorriso cativante, um

perfil bem desenhado e uma voz grave e rouca. Mas havia um grande problema: não era cristã.

Daniel sabia que, para um cristão, namorar alguém que não compartilhasse de sua fé só causaria dor de cabeça. Era jugo desigual, como não se cansava de dizer o pastor Wilson. “No começo tudo é ótimo”, dizia ele. “Mas aí a coisa vai esquentando, não há a busca pela santidade, os valores são diferentes... o pecado é uma questão de tempo. E como será o futuro de uma relação como essa? Vão casar? E os filhos, serão educados na fé? E quando vierem os problemas, ela vai orar? Vai buscar a solução na Bíblia? Vai se aconselhar com um pastor ou com uma cartomante? E aí, como é que fica? Cada um vai seguir para um lado, e isso não vai dar em coisa boa.”

Ou seja, era jugo desigual!

Daniel levava isso muito a sério. Se nem as meninas da igreja tiveram sucesso em conquistar seu coração — e não foram poucas as que tentaram —, não seria alguém de fora que... Bem, falar é fácil. Quando Valéria chegava perto, com aquele sorriso brilhante e ajeitando aqueles cabelos perfumados para cá e para lá, ele ficava todo bobo. O perfume dela era a coisa mais cheirosa do mundo. Na verdade, era um perfume até bem comum, mas *nela*... ah, nela ficava diferente.

E ele bem que tentou lhe falar de Cristo. Valéria achou graça quando ele a convidou para sair. Ir a um culto! Para ela, que vivia entre *shows*, bares e boates, regados a bebida e muita fumaça de cigarro, era um programa bem diferente. Topou. E foi uma vez à igreja. Mas não

passou disso. “É... interessante”, comentou. Ao perceber que não haveria um comprometimento da menina com os valores cristãos, Daniel decidiu cortar a coisa pela raiz. Logo depois, veio o fim da escola e cada um foi para o seu lado.

Até agora.

Quando soube que a ruivinha tinha ido atrás dele, uma pontinha de vaidade brotou em seu coração e pensamentos fantasiosos invadiram sua mente. Então Daniel sacudiu a cabeça, como que para espantar uma mosca incômoda, e procurou pensar em algo diferente.

— Fala, Crânio! — Marcos saudou o amigo assim que ele entrou no gabinete. Em pouco tempo, Daniel não pensava mais em Valéria.

— A paz do Senhor para você também — brincou, implicando.

O pastor Wilson estava sentado em sua mesa, lendo um livro. Marcos, debruçado sobre o computador, escrevia. O pastor sorriu ao vê-lo.

— Meu querido Daniel, tudo bem? Quais as novidades?

Essa era a deixa que Daniel estava esperando. Abriu o verbo e começou a contar sobre o telefonema e a entrevista que teria em dois dias na faculdade para conseguir a bolsa de estudos.

— Que legal, Daniel! Tenho certeza de que vai conseguir. Vou orar por isso — disse o pastor Wilson.

— Ei, Crânio — mudou de assunto Marcos. — Já bolei todas as pistas da caça ao tesouro. Vai ser muito legal, cara.

O fato de Marcos não ter feito nenhum comentário sobre a entrevista na faculdade deixou Daniel meio chateado. Mas, como gostava muito da gincana e também de Marcos, deixou para lá.

— Ah, é? E quando é que você vai sair para esconder as pistas?

— Daqui a pouco. Vou só dar uma passada em casa para aplicar minha insulina e depois já saio por aí. Mas não adianta pedir dicas não, hein? — piscou o olho.

Aquela coisa de aplicar insulina incomodava Daniel. Não pela insulina em si, mas pela agulha da seringa. Ele tinha pavor de agulhas. Há quem deteste baratas, ou quem desmaie ao ver sangue. No caso de Daniel, sua grande fraqueza eram aquelas coisinhas pequenininhas, fininhas e apavorantes! Toda vez que tinha de tomar injeção era um sofrimento: suava frio, as pernas tremiam e dava uma vontade incontrolável de correr. Só de imaginar que o amigo precisava aplicar injeções em si mesmo todos os dias deixava Daniel arrepiado.

— Me diga pelo menos como a gente vai poder identificar o ponto exato de cada pista quando chegarmos ao lugar certo. Lembra o que aconteceu ano passado?

Marcos deu risada, encabulado. Claro que lembrava. Muitos grupos até conseguiram solucionar algumas charadas e foram aos lugares indicados pelas pistas, mas, ao chegar lá, ninguém encontrava o bilhete com o enigma seguinte. De tão bem escondido, muitos rodaram e rodaram, procuraram e procuraram, e não viram nada. Todo ano era o mesmo esquema: o papel era deixado dentro de um envelope. O grupo que o encontrasse lia a charada

e devolvia ao lugar onde foi achado, para que o grupo seguinte encontrasse. Mas, para aquele ano, ele elaborou algo diferente:

— Vou fazer o seguinte: vou deixar as pistas sempre perto deste desenho. — Ergueu um papel e mostrou uma figura que Daniel conhecia bem. Era o ICHTUS.

O ICHTUS era um dos mais antigos símbolos do cristianismo: um simples peixe, que servia para os cristãos da Igreja primitiva se identificarem como irmãos na fé. Antes mesmo de a cruz ser usada como representação da religião cristã, o peixinho era pintado e entalhado nas antigas catacumbas. O ICHTUS é, na verdade, um acróstico, formado pelas primeiras letras da expressão *Iesus Christos Theou Uios Soter*, que quer dizer “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. E, agora, serviria para identificar as pistas da gincana, assim como o “X” indicava a localização do tesouro dos piratas.



— Bacana, Marcos. Boa sorte, que Deus o abençoe.

Marcos se levantou, pegou sua mochila e virou-se para o pastor Wilson, que lia seu livro, alheio à conversa. Fez um pigarro com a garganta.

— Hm-hum...

O pastor Wilson ergueu os olhos, meio sem entender.

— Que foi, Marcos?

— O senhor não se esqueceu de nada?

Fez-se um breve silêncio. Diante da cara de “do que você está falando?” do pastor, Marcos completou:

— Estou saindo para esconder as pistas da caça ao tesouro. O senhor não vai me entregar nada?

— Tipo...?

— Tipo o tesouro, pastor! — riu Marcos.

— Ah, claro! — devolveu o riso o pastor Wilson, que se levantou, foi até o armário e voltou com um pacote muito bem embrulhado, no formato de um tijolo. Não havia nada escrito que desse alguma informação sobre seu conteúdo. — Aqui está. Cuide bem dele, hein?

— Pode deixar — virou-se para Daniel. — Tchau, Crânio, fica com Deus, viu? Amanhã cedo estou aqui para a gente dar início à brincadeira. Até mais, pastorzão!

Marcos virou as costas e já ia saindo, quando um pigarro do pastor o fez se voltar.

— Hm-hum...

— Que foi, pastor?

— O senhor não se esqueceu de nada? — fez um olhar sapeca.

Fez-se outro breve silêncio. Diante da cara de “do que você está falando?” de Marcos, o pastor Wilson completou:

— Esqueceu que sou eu que distribuo a primeira pista para os grupos participantes? — sorriu.

Marcos deu um tapa na testa.

— É verdade, pastorzão! Tá aqui.

Abriu a mochila e lhe entregou um envelope fechado.

— Cuide bem dela, hein? — implicou Marcos, rindo e saindo aos pulos.

Depois que se apagou o riso, o pastor e Daniel ficaram um tempo jogando conversa fora, falando amenidades e desfrutando da companhia um do outro. Coisa boa era ter alguém com quem conversar. E, no caso deles dois, o papo inevitavelmente acabava sendo conduzido para as coisas de Deus. Era sempre assim: começavam falando sobre internet, futebol ou as notícias da semana e acabavam discutindo sobre Bíblia, santidade, história da Igreja. Eram conversas enriquecedoras para Daniel, que sempre aprendia muito. Até que olhou para o relógio.

— Xi, pastor, o papo estava tão bom que eu perdi a hora! Minha mãe e meu irmão estão me esperando para o almoço!

— Então corra, meu amigo, senão a comida esfria — sorriu.

Os dois se abraçaram, e Daniel disparou porta afora.



Já era tarde da noite, e Daniel se divertia brincando de palavras cruzadas com Bruno, seu irmão caçula, de apenas 8 anos. Dona Alzira, a mãe dos dois, cochilava, sentada no sofá, com os óculos no rosto, um livro esquecido no colo e a cabeça tombada para o lado. Nem os gritos

dos irmãos a tiravam do mais profundo sono. Até que um barulho fez dona Alzira se levantar de um pulo.

TRIIM!!!

Telefone àquela hora? Ela se recompôs do susto e atendeu.

— Alô?

Do outro lado, alguém começou a falar, e, quanto mais a pessoa falava, mais ela franzia a testa. Daniel fez silêncio e, percebendo que havia algo errado, levou o dedo aos lábios.

— *Shhhh*, espera um pouco, Bruno.

Depois de alguns instantes e umas palavras balbuciadas, dona Alzira olhou para Daniel e lhe estendeu o fone.

— Filho, é o seu Valter, pai do Marcos. Ele quer falar com você.

Daniel olhou para o relógio: meia-noite e meia. Estranho seu Valter estar ligando naquele horário.

— Boa noite, tio Valter.

— Boa noite, Daniel — respondeu a voz ao telefone. — Desculpe ligar a esta hora, mas o Marquinhos não voltou para casa até agora e minha esposa e eu estamos muito preocupados. Por acaso você sabe onde ele está?

Daniel conseguia sentir aflição na voz de seu Valter. E era compreensível, pois sumir daquele jeito não fazia o perfil do seu amigo. Ele também começou a se preocupar.

— Não, tio, não sei. Estive com ele de manhã, na igreja, mas de lá para cá não tive mais notícias. Ele saiu pela cidade para espalhar as pistas para a caça ao tesouro que estamos organizando.

— Pois é, ele estava todo animado. Mas ficou de voltar no final da tarde, e até agora nada.

— Desculpe, tio, não faço ideia de onde ele possa estar.

— Tá... tudo bem. Se por acaso ele der notícias, você me liga?

— Claro. E, por favor, se ele aparecer por aí, me avisa, pode ser?

— Sem problemas. Bom... — Daniel sentia a preocupação na voz de Valter — ... Então tá. Boa noite, Daniel, fique com Deus.

— Boa noite, Deus o abençoe.

Pôs o fone no gancho. Bruno e dona Alzira olhavam para ele, na expectativa.

— Que foi, Dani? — o caçula quebrou o silêncio.

Daniel contou o que seu Valter tinha dito e os três se entreolharam, sem saber muito bem o que fazer ou dizer. Foi sua mãe quem propôs:

— Bem, quando não há nada que possamos fazer, devemos fazer a única coisa que podemos.

Os dois já sabiam do que ela estava falando. Puseram-se de pé, deram as mãos e começaram:

— Senhor, nosso Deus e nosso Pai...